

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



## O NOVO ORÇAMENTO DE DEFESA JAPONÊS E A DINÂMICA REGIONAL

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 154 • 26 de janeiro de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Força Marítima de Autodefesa do Japão](#)

Por: Wikimedia Commons

Fonte: Wikimedia Commons

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/  
RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)  
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)  
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université de Paris 3)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)  
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Adel Bakkour (UFRJ)  
Amanda Neves Leal Marini (UFF)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Marina Soares Corrêa (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Alessandra Dantas Brito (EGN)  
Bruno Gonçalves (UFRJ)  
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)



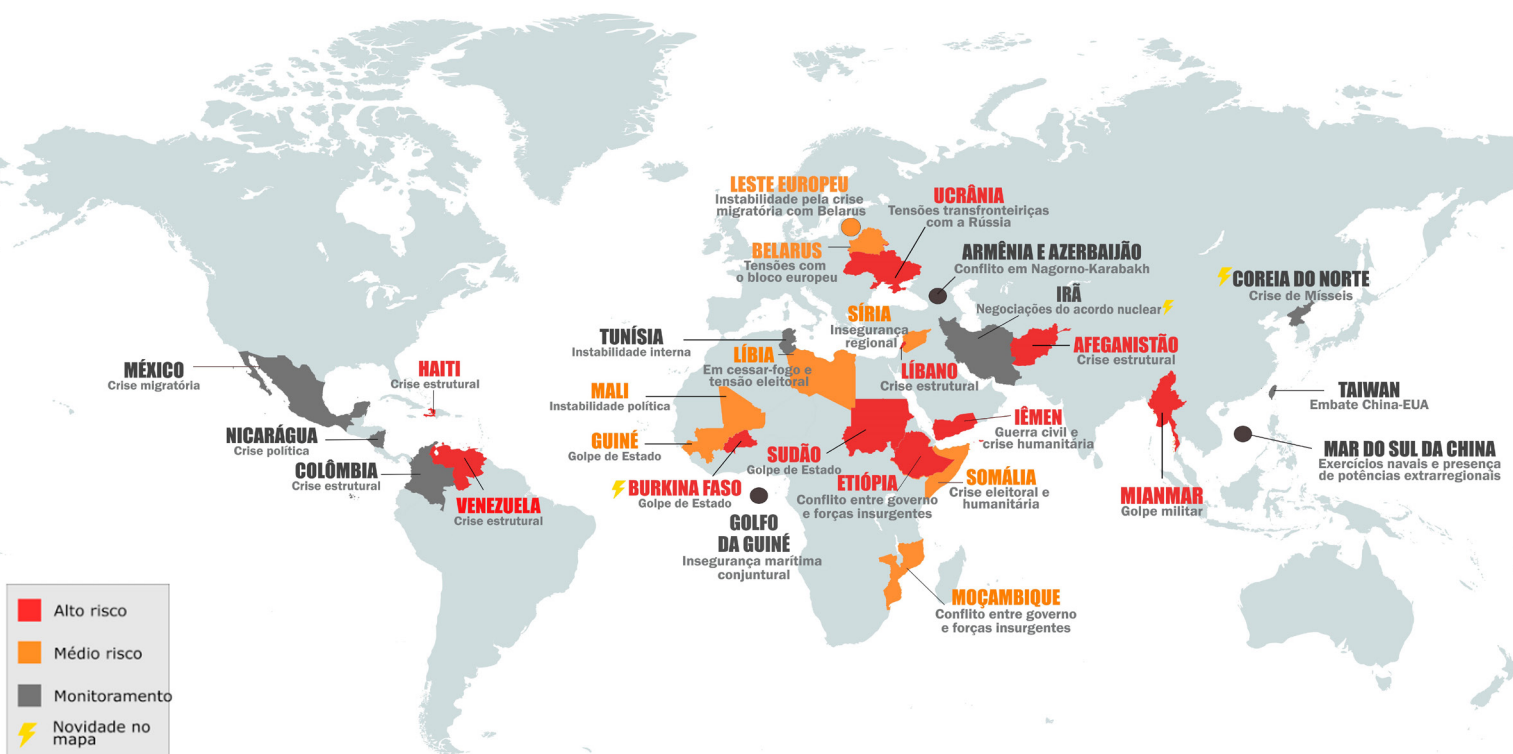
# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>		
A nova campanha antártica argentina.....	6	A Marinha Russa e suas perspectivas estratégicas a curto prazo .....	12	
Militarização na fronteira entre Colômbia e Venezuela .....	6	Tensões na Ucrânia: o encontro entre Blinken e Lavrov e a Crise da Ordem do Pós-Guerra Fria.....	13	
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>LESTE ASIÁTICO</b>		
Perspectivas para a produção de lítio nos Estados Unidos .....	7	O novo orçamento de defesa japonês e a dinâmica regional .....	14	
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		O impacto dissuasório do novo plano quinquenal de defesa de Taiwan .....	15	
Uma base chinesa no Atlântico Sul?.....	8	China-Oriente Médio: um novo momento nas relações com o GCC .....	15	
<b>EUROPA</b>		<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>		
<i>Strategic Compass</i> : o que esperar da estratégia de defesa da União Europeia em 2022 .....	9	Megaprojeto indonésio entra em ação .....	16	
Marinhas da França e dos EUA assinam um Plano Estratégico de Interoperabilidade.....	10	<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>		
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		O Exercício <i>Cold Response 2022</i> no Ártico e as motivações norueguesas .....	17	
A Guerra Civil do Iêmen reacende prestes a entrar em seu sétimo ano.....	11	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....		18
Calendário Geocorrente.....				18
Referências.....				19
Mapa de Riscos.....				20

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Isadora Novaes e Vitória França

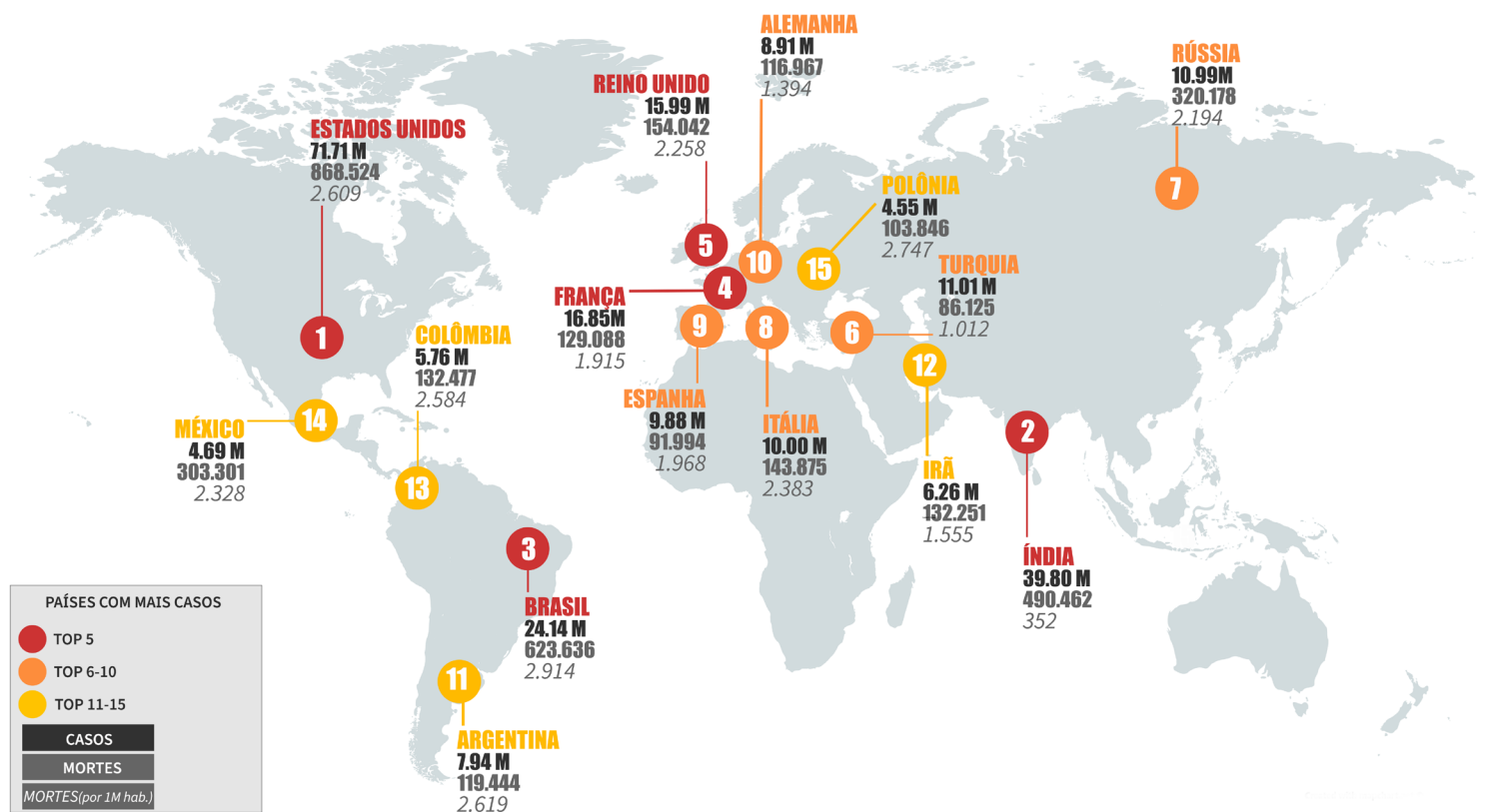


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

# PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Our World in Data", publicado no dia 25 de janeiro de 2022.

Por: Iasmin Gabriele e Victor Cabral



## ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Países	Total de doses aplicadas		População imunizada (%)*	Vacinas
	milhões	por 100 pessoas		
China	2.973	213	88%	●●●●●
Índia	1.623	119	50%	●●●
Estados Unidos	535.3	161	63%	●●●
Brasil	354.9	168	71%	●●●●
Indonésia	305.7	113	45%	●●●●●
Japão	203.6	161	79%	●●●
Vietnã	176.4	183	75%	●●●●●
Paquistão	162.1	195	37%	●●●●●●●
Alemanha	172.8	80	73%	●●●
México	160.8	126	60%	●●●●

\*Percentual da população totalmente imunizada

CanSino	●	Sinopharm/Beijing	●
Covaxin	●	Sinopharm/Wuhan	●
Johnson&Johnson	●	Sinovac	●
Moderna	●	Sputnik V	●
Oxford/Astrazeneca	●	ZF2001	●
Pfizer/BioNTech	●	EpiVacCorona	●

Fontes: Our world in data; The New York Times

## A nova campanha antártica argentina

Rafael Esteves

A Argentina se configura como um importante ator no continente antártico, por ser um dos membros signatários originais do Tratado da Antártica (1959) e por estar geograficamente próxima do território. O país possui treze bases (seis permanentes e sete temporárias) operando na região. Considerando isso, em janeiro de 2022, Buenos Aires lançou a 118ª *Campaña Antártica de Verano* (CAV) 2021/2022, com a partida do navio quebra-gelo *ARA Almirante Irizar*. A missão conta também com outros três navios, quatro helicópteros e três aviões, além da participação de 1.085 pessoas, entre militares e civis. Tendo em vista o esforço material e humano para essa operação, é importante questionar: quais os objetivos do governo argentino com o CAV 2021/2022?

Primeiramente, tem-se que considerar o fator geopolítico dessa questão. A Argentina possui reivindicações territoriais no sexto continente, anteriores ao Tratado da Antártica, que mesmo tendo sido paralisadas com o acordo, ainda se mantêm, junto aos seus rivais na região: Chile ([Boletim 147](#)) e Reino Unido ([Boletim 131](#)). Como forma de demonstrar as suas capacidades, a Argentina quer mostrar aos outros países que detém condições de manter presença no continente e continuar o seu programa antártico.

É importante destacar que o governo argentino enfrenta

problemas econômicos e sanitários consideráveis. As negociações da dívida com o Fundo Monetário Internacional podem prejudicar uma possível reeleição do presidente Alberto Fernández em 2023. Isto, uma vez que a instituição exige compromissos de austeridade fiscal frente à renegociação do valor de US\$ 45 bilhões devidos pela Argentina no empréstimo contraído pelo ex-presidente Mauricio Macri, em 2018. Ademais, o país encontra dificuldades no enfrentamento da pandemia da COVID-19, batendo recorde de casos com o avanço da variante *Ômicron* e a incapacidade do governo em conter o contágio. Com isso, realçar antigas reivindicações territoriais, como as na Antártica, poderia contribuir para tirar o foco da população argentina dos problemas imediatos e aumentar a popularidade do governo no curto prazo.

Finalmente, conclui-se que os objetivos do CAV 2021/2022 correspondem a antigas demandas de um projeto de Estado argentino, que busca reforçar a legitimidade do país em seus projetos antárticos e justificar os investimentos em bases de operação e reivindicação territorial no continente. Dessa forma, o governo pode robustecer os sentimentos nacionalistas da população, convertendo esse processo em capital político e eleitoral.

DOI 10.21544/2446-7014.n154.p06.

## Militarização na fronteira entre Colômbia e Venezuela

Luciano Veneu

As tensões fronteiriças entre Colômbia e Venezuela vêm se estendendo por alguns anos. Conflitos envolvendo grupos armados na fronteira escalaram nos primeiros dias de 2022 com a mobilização de tropas das Forças Armadas (FA) de ambos os países para os estados vizinhos de Apure, na Venezuela, e Arauca, na Colômbia, onde morreram 27 pessoas em decorrência dos embates. Tanto Bogotá quanto Caracas trocam acusações de tentarem desestabilizar o vizinho através de grupos paramilitares e de narcotráfico. Sendo assim, como o conflito entre grupos armados não-estatais está ameaçando a segurança fronteiriça entre esses países?

Desde 2021, o governo colombiano de Iván Duque acusa Caracas de ser conivente com a presença do Exército de Libertação Nacional (ELN) em solo venezuelano. Segundo Bogotá, o grupo realiza ataques contra o território colombiano a partir de suas bases na Venezuela, onde não podem sofrer retaliações. Em janeiro de 2022, um novo conflito ocorreu entre ELN e grupos dissidentes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), causando mortes e deslocamento de populações locais. Com isso, mais de 6.800 militares

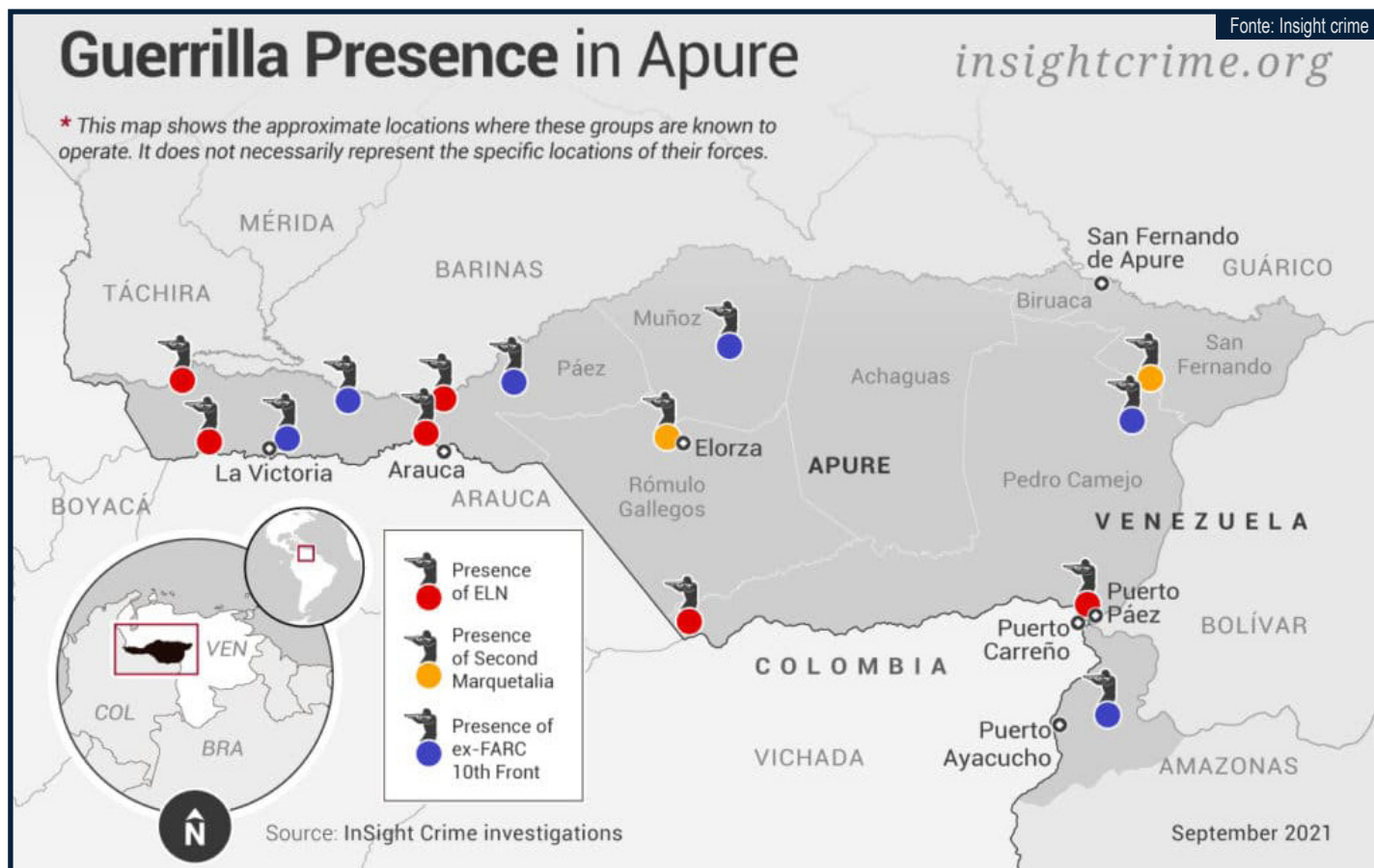
das FA colombianas foram enviados ao estado fronteiriço em conflito. Para o governo Duque, que tem baixa aprovação popular, o combate aos grupos guerrilheiros tem como objetivo melhorar sua imagem interna e inflar um candidato com seu apoio nas eleições presidenciais, que ocorrerão em maio de 2022.

Em Apure, Venezuela, os conflitos entre o ELN e as dissidências das FARC, e principalmente o deslocamento de tropas colombianas para a fronteira, causaram a mobilização dos contingentes do país inteiro para a região, aumentando as tensões entre os Estados vizinhos. Segundo o governo bolivariano local, houve contato com as lideranças do ELN para que a luta fosse levada novamente ao lado colombiano da fronteira. O conflito deve-se pelo controle do tráfico de drogas na região, principal fonte de renda dos grupos guerrilheiros. Entretanto, segundo Caracas, a intensificação do combate colombiano contra os grupos armados não-estatais faz parte de um projeto de desestabilização da região, perpetrado por Bogotá.

Portanto, o confronto transfronteiriço entre os grupos armados suscitou o aumento da militarização »

de ambos os lados, deslocamento de populações locais e acusações de tentativas de desestabilização. Dessa forma, a relação já conturbada entre os governos vizinhos se desgasta e, com canais diplomáticos fechados, a

segurança da região assume um destaque internacional, tanto para Colômbia e Venezuela, como para os países vizinhos.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p06-07.

## AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

### Perspectivas para a produção de lítio nos Estados Unidos

Os Estados Unidos (EUA) possuem uma das maiores reservas de lítio do mundo, com mais de 3,5% de reservas internacionais comprovadas. Sua produção, entretanto, se dá apenas em uma mina situada no estado de Nevada, cujo empreendimento não é responsável pelo refino, feito no exterior. Há uma expectativa de crescimento da demanda por baterias de lítio de 5 a 10 vezes na próxima década, em um mercado atualmente dominado pela Austrália, Chile e China, que detêm 90% da produção bruta internacional. Alguns projetos estadunidenses atuais podem auxiliar na redução da dependência externa no setor mas também oferecem riscos ao ambiente local.

A perspectiva do aumento de produção e demanda de lítio fez com que os preços do mineral subissem a patamares históricos. Apesar da alta de preços incentivar os investimentos no setor pela expectativa de retorno, ela também coloca em risco a viabilidade econômica do produto final para o consumidor.

No caso estadunidense, dados de produção recentes

não são disponibilizados pelo serviço geológico a pedido das empresas responsáveis, mas sabe-se que investimentos bilionários foram feitos, por exemplo, pela *General Motors* para mineração na Califórnia. Depósitos californianos podem ser capazes de atender até 40% da demanda internacional, segundo estimativas.

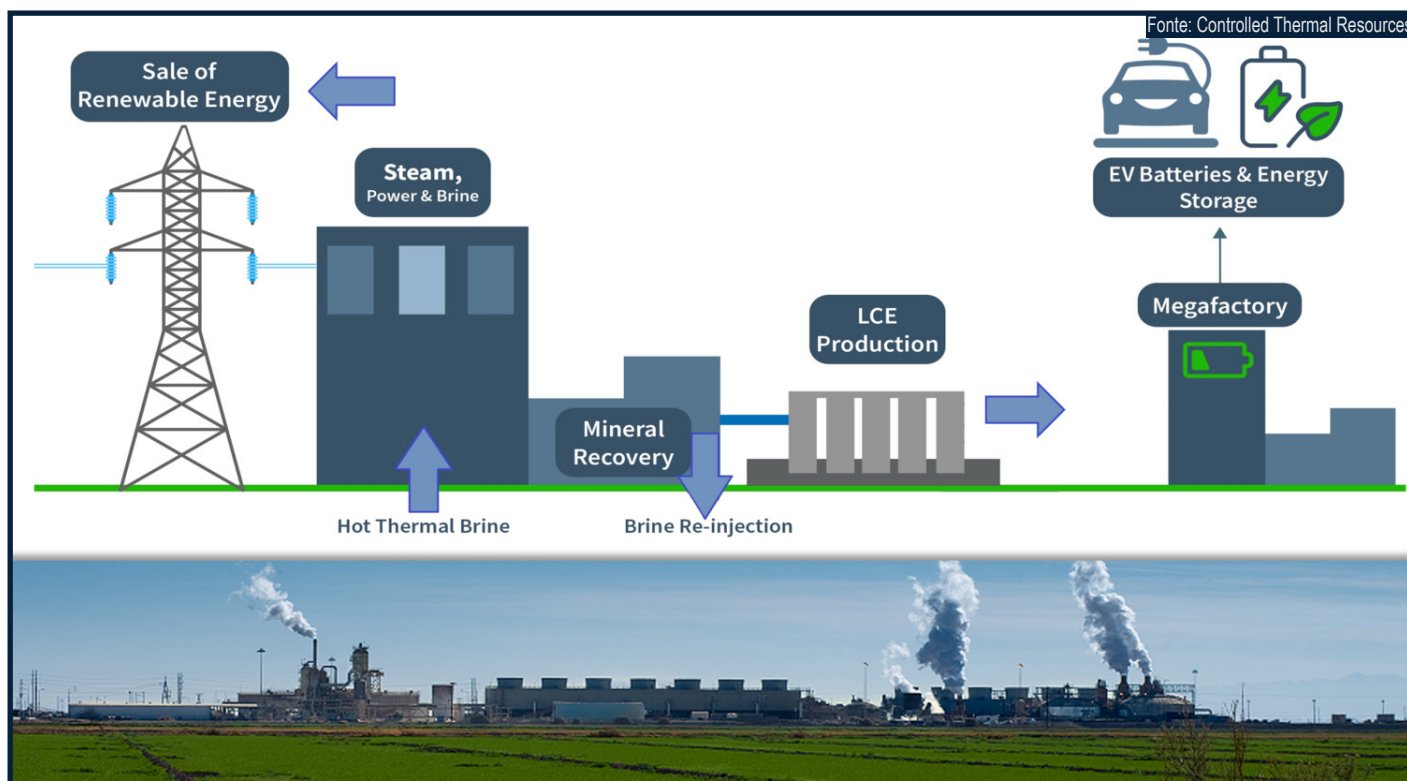
Em uma iniciativa implementada pela *Controlled Thermal Resources*, projeta-se um consumo de 14.656 litros de água por minuto, utilizando cerca de cinco mil acres de terra em uma região já fortemente afetada pelas mudanças climáticas ([Boletim 144](#)). Trata-se de uma indústria altamente poluente, que emite três vezes mais gases do que a mesma quantidade de ferro explorada, por exemplo.

A tecnologia empregada promete maior eficiência que a tradicional forma de se explorar o recurso. Através do bombeamento de água quente do solo para geração de energia geotérmica, o empreendimento pretende extrair o lítio presente na água salgada antes de injetá-la novamente no solo. A região do Lago Salton já possui »

empreendimentos geotérmicos em funcionamento que podem ser adaptados para a produção de lítio, reduzindo impactos ambientais e tornando a energia geotérmica economicamente mais competitiva.

A produção de lítio como *offset* da energia geotérmica é um método ainda a ser plenamente implementado, mas

que promete ser muito mais eficaz que a lenta maneira tradicional que utiliza lagoas de evaporação. A técnica a ser implementada também pode ser uma solução para o aumento da produção de outros minerais críticos a partir de salmoura em solo estadunidense, nominalmente: ouro, céσιο, rubídio, manganês, zinco e sílica.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p07-08.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

### Uma base chinesa no Atlântico Sul?

O Atlântico Sul é uma área estratégica que desperta o interesse de grandes potências navais globais e regionais. Nesse sentido, em 2021, o general Stephen Townsend, chefe do Comando dos Estados Unidos (EUA) para África, revelou à *Associated Press*, que a China pretendia estabelecer um porto na costa ocidental africana para fins duais (civil e militar). Ainda que especulativo, se confirmado, a vigente disputa pelo poder marítimo, concentrada no Indo-Pacífico, pode ampliar seu escopo para o Atlântico. Como a instalação permanente de potências marítimas globais no Atlântico Sul implica respostas dos atores regionais?

A China é o maior parceiro comercial da África há 12 anos e o seu quarto maior investidor. Evidencia-se que seus projetos de infraestrutura de comunicação ([Boletim 153](#)), do setor comercial e portuário no continente provêm da *Belt and Road Initiative* - elemento fulcral de projeção chinesa no sistema internacional. Mais de

80% do comércio realizado pelo país é marítimo, o que a estimula a aproximar-se de países costeiros estratégicos. Townsend afirmou que houve tentativas de acordos para uma base naval na Guiné Equatorial, Ilhas Maurício, Namíbia e Tanzânia.

Uma análise histórica demonstra que a China usou suas operações antipirataria no Golfo de Áden para assegurar as linhas de comunicação marítimas internacionais críticas como justificativa para construir sua base no Djibuti, em 2017. Mais recentemente, o Plano de Ação de Pequim para o Fórum de Cooperação China-África de 2018 afirma que os africanos celebram as missões de escolta da China no Golfo de Áden e encorajam que Pequim atue mais para apoiar os esforços antipirataria da África no Golfo da Guiné e intensificar a cooperação para salvaguardar a segurança das rotas marítimas e a estabilidade regionais.

Portanto, embora especulativa, uma base naval



chinesa no Atlântico Sul, que parece ser uma questão de tempo, favoreceria os interesses da China na região: acesso aos recursos locais, combate às ameaças ao

transporte marítimo e desconcentraria os esforços de contenção à sua projeção no Indo-Pacífico à medida que busca formar uma rede global de aliados militares.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p08-09.

## EUROPA

### **Strategic Compass: o que esperar da estratégia de defesa da União Europeia em 2022**

Marina Autran

O primeiro esboço do plano estratégico militar da União Europeia, chamado de *Strategic Compass*, foi apresentado no dia 15 de novembro de 2021 para os ministros do bloco. O conjunto de propostas, que possui como principal objetivo guiar as cooperações de defesa da organização nos próximos cinco a dez anos, foi construído dentro de um contexto geopolítico de competição crescente. A partir do documento que deve ser aprovado ainda no primeiro semestre deste ano, analisa-se o quão disposta a União Europeia está a se adaptar ao novo contexto internacional de defesa em 2022.

Por conta do aumento de competição, os desafios causados pelo novo Sistema Internacional para o bloco europeu estão nas principais esferas: política, econômica e militar. Atualmente, a defesa da União Europeia tem uma grande dependência das capacidades da OTAN. Porém, o fortalecimento da Rússia e o crescimento da China acompanham a mudança de foco dos Estados Unidos do Oriente Médio para a Ásia. Assim, a saída do

Afganistão e o acordo AUKUS contribuíram para alterar a perspectiva do bloco, trazendo o questionamento do que poderia acontecer em uma crise em que os Estados Unidos não tenham interesse em intervir, mas que afete a segurança da União Europeia. Por isso, o plano em desenvolvimento procura fortalecer a defesa do bloco diminuindo a dependência da OTAN e dos Estados Unidos.

No entanto, há uma percepção geral de que o documento não apresenta objetivos ambiciosos o suficiente para garantir essa maior independência do bloco. Em sua maioria, as propostas são para o desenvolvimento de estruturas já existentes, procurando aumentar a rapidez e flexibilidade do processo de decisão da União Europeia. Além disso, existem diversas críticas com a possibilidade de duplicação de gastos em programas similares com os da OTAN. Para se adaptar ao novo contexto, seria necessária uma liderança dos países mais influentes: França e Alemanha. Entretanto, ambos estão em momentos políticos desfavoráveis, com

eleições próximas e transição de governos.

O esboço do *Strategic Compass* é um primeiro passo importante para a consolidação de uma nova estratégia de defesa da União Europeia. O documento ainda será

alterado até sua aprovação, porém o contexto geopolítico é favorável à diminuição da dependência dos Estados Unidos em segurança e defesa. Por fim, o documento tende a apontar o quanto o bloco estará disposto a mudar.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p09-10.

## Marinhas da França e dos EUA assinam um Plano Estratégico de Interoperabilidade

Thais Dedeo

No dia 17 de dezembro de 2021, as Marinhas da França e dos Estados Unidos (EUA) assinaram um Plano Estratégico de Interoperabilidade (PEI) em uma tentativa de reaproximar os dois países. Esse acordo situa-se em um momento de tensões, dado o anúncio da AUKUS em setembro de 2021, após meses de negociações secretas entre EUA, Austrália e Reino Unido para a formação de uma aliança militar. Para a surpresa dos franceses, essa nova aliança representaria a quebra de um importante contrato bilionário para a indústria naval francesa por Camberra e o estremecimento das relações entre a França e os EUA. Dentro desse contexto tenso, a que ponto o PEI permite destravar a parceria militar franco-americana?

O PEI é fruto de dois anos de trabalho entre as Marinhas da França e EUA, que estabelece objetivos específicos para os próximos 20 anos no sentido de melhorar a interoperabilidade entre elas. Mais precisamente, isso significa um esforço direcionado a melhorar a comunicação do topo do espectro operacional naval, com o desenvolvimento de um quadro que autoriza o intercâmbio de informações e dados classificados. Portanto, esse PEI marca um avanço significativo no fortalecimento da cooperação entre as duas Marinhas,

apesar do mar agitado que os dois países atravessaram recentemente.

É também importante ressaltar que o PEI se insere em um movimento mais abrangente de reaproximação. De fato, uma reunião à margem do G20 entre os presidentes da França e dos EUA em outubro de 2021 serviu para reforçar publicamente a importância da relação franco-americana para a "paz, segurança e prosperidade em todo o mundo". Assim, ambos os presidentes reafirmaram sua determinação em fortalecer a cooperação bilateral militar e estabelecer consultas aprofundadas, destinadas a restaurar a confiança entre ambos e, assim, melhor avançar uma agenda internacional comum nas regiões do Indo-Pacífico, Sahel e Europa, assim como nos fóruns multilaterais como a OTAN.

Assim, pode-se afirmar que a tensão diplomática causada pelo anúncio da aliança AUKUS e o cancelamento do contrato não terá, portanto, abalado os fortes laços que unem as Marinhas da França e dos EUA, algo que pode ser verificado com o PEI. Além disso, também indica que há uma sincera vontade política de restabelecer a confiança diplomática, como indica a declaração conjunta de ambos os presidentes durante o G20 de 2021.

DOI 10.21544/2446-7014.n154.p10.

**A Guerra Civil do Iêmen reacende prestes a entrar em seu sétimo ano**

Vitória França

Desde 2015, violência e instabilidade retratam a guerra civil iemenita. Os combates entre a Coalizão Árabe para restaurar a legitimidade no Iêmen, liderada pela Arábia Saudita, e os rebeldes houthis, apoiados pelo Irã, continuam impulsionando um desastre humanitário no país. O ano de 2022 já iniciou com um agravamento de tensões entre as partes envolvidas, mas talvez não o suficiente para sua resolução. Diante do exposto, como os atuais levantes indicam uma possível permanência do conflito?

No começo de janeiro, milícias houthi contribuíram para a insegurança marítima no Mar Vermelho por meio de ações de pirataria supostamente apoiados pela Guarda Revolucionária do Irã. Segundo a Coalizão Árabe, as milícias planejavam atacar e sequestrar, em águas internacionais, o navio *Rwabee*, dos Emirados Árabes Unidos (EAU), que transportava suprimentos médicos urgentes para o Iêmen. Há também indícios de que os houthis utilizam os portos de Saleef e Hodeidah para lançar mísseis balísticos. Assim, no último dia 17 de janeiro, os houthis alinhados ao Irã, escondidos no norte do Iêmen, começaram ataques com mísseis e drones expandindo a guerra até os EAU. A resposta imediata da Arábia Saudita foi um ataque aéreo maciço na parcialmente destruída Sana'a.

Como consequência, o Conselho de Segurança da ONU condenou o crescente número de incidentes, tanto na costa do Iêmen – um risco significativo para a segurança marítima no Golfo de Áden e no Mar Vermelho – quanto ataques aéreos entre os rebeldes e os Estados da Coalizão. Paralelamente, os Estados Unidos declararam repensar a realocação dos rebeldes houthis como grupos terroristas. Porém, ainda que o agravamento da situação tenha gerado o posicionamento desses atores, hoje, os houthis têm pouco incentivo para considerar as negociações de paz, por acreditarem estar muito perto de vencer a guerra para aceitar um acordo que não seja claramente a seu favor.

O histórico de confronto militar ao longo dos últimos sete anos indica que a estabilidade regional depende do engajamento para além dessa esfera. Enquanto não houver avanços nesse sentido, é improvável que as últimas tensões mudem as atitudes de ambos os lados. No mínimo, os houthis tentarão recuperar o conflito em seus termos, a Coalizão Árabe continuará envolvendo-se na crise de maneira agressiva e o governo iemenita apoiado pela Coalizão procurará obter uma vantagem, mesmo que esteja apenas tangencialmente envolvido em desenvolvimentos reais no terreno.



## A Marinha Russa e suas perspectivas estratégicas a curto prazo

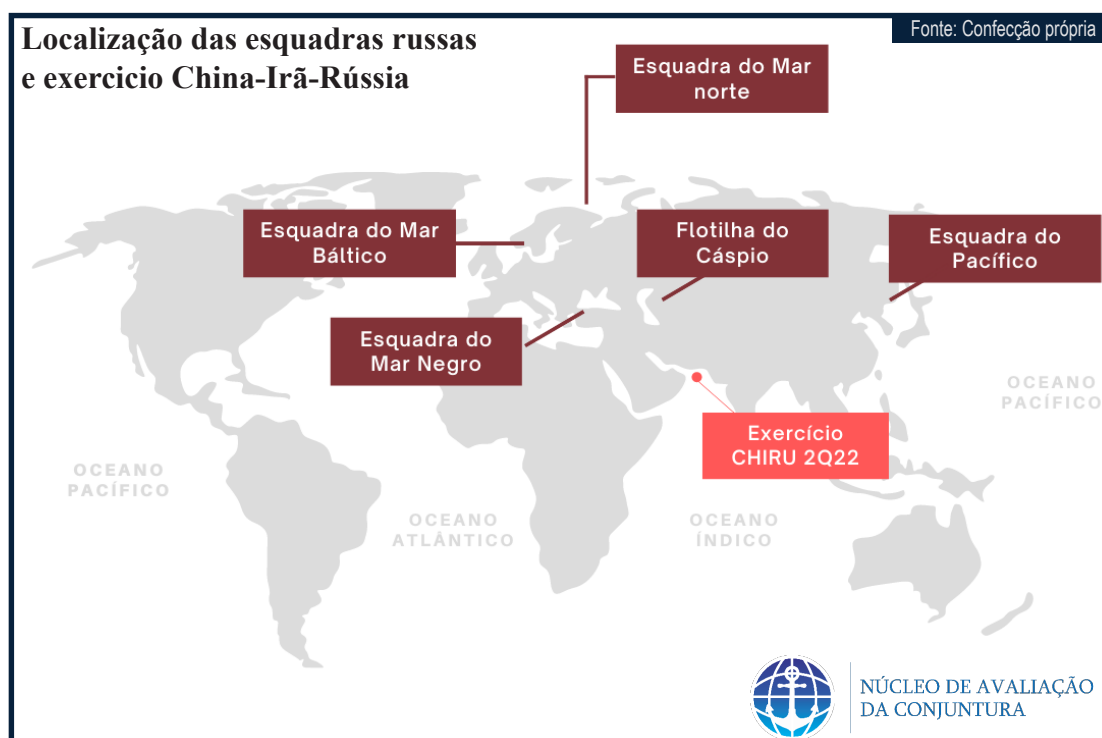
Luiza Guitarrari

Na última década, a Marinha Russa tem travado um intenso processo de modernização e retomada do seu prestígio global. Considerado pelo geógrafo Halford Mackinder enquanto "o coração da Eurásia", o Estado russo reconhece que sua extensa zona costeira, além de representar importantes conexões econômicas, também impõe desafios à defesa nacional. Desafios estes que contribuíram no incremento de suas capacidades navais ([Boletim 151](#)), sendo considerada pelo *website Global Fire Power* a terceira maior Marinha em ativos totais em 2021. Levando em consideração a importância de suas esquadras, o que esperar do poder naval russo em 2022?

Há 105 anos, o cruzador *Varyag*, da Marinha Imperial Russa, fundeava no Porto de Victoria, em Seychelles. Hoje, em 2022, esse feito naval celebra as relações bilaterais entre os países, mas, mais do que isso, é parte do cronograma de emprego dos meios da Esquadra do Pacífico russo em áreas mais distantes. Ademais, segundo o Ministério da Defesa russo, entre janeiro e fevereiro, estão programados diversos exercícios navais nos mares adjacentes à Rússia, além de áreas consideradas estratégicas, como o Mar Mediterrâneo, Mar de Okhotsk, Atlântico Norte e Pacífico Ocidental. Estima-se que cerca de 10.000 militares participem dos exercícios, além de serem designados 140 navios e 60 aeronaves.

Posteriormente, entre os dias 18 e 22 de janeiro, a Esquadra do Pacífico divulgou a realização do exercício CHIRU-2Q22 junto a China e Irã, no Golfo de Omã. O treinamento ocorreu em meio às crescentes tensões desses países com o Ocidente, especialmente entre Rússia e Ucrânia. Destarte, visando à cooperação em defesa, foram praticados tiros de artilharia, manobras táticas conjuntas, operações marítimas de proteção às rotas comerciais, combate à pirataria e ao terrorismo marítimo. Estiveram envolvidos no exercício 14 navios de guerra e embarcações auxiliares, inclusive o cruzador *Guards Order of Nakhimov Varyag*, o contratorpedeiro *Admiral Tributos* e o navio-tanque *Boris Butoma*, todos da Esquadra do Pacífico. Esta, que continuará sua campanha de longa distância, reunindo-se futuramente a navios da Esquadra do Norte e do Báltico para a realização de novos exercícios.

Portanto, Moscou vislumbra no domínio marítimo a materialização tanto de seu poderio militar quanto da sua política externa. As viagens e os exercícios navais planejados para 2022 pretendem aprimorar as ações da Marinha russa em sua presença oceânica de curto prazo. Além disso, devem representar uma importante ferramenta dissuasória ao consolidar laços com Estados estratégicos aos seus interesses.



## Tensões na Ucrânia: o encontro entre Blinken e Lavrov e a Crise da Ordem do Pós-Guerra Fria

Pérsio Glória de Paula

Desde o final de 2021, há um substancial aumento nas tensões entre a Rússia e os Estados Unidos (EUA), com a especulação sobre uma improvável invasão russa na Ucrânia. No entanto, a crise não está restrita somente a esse país, mas também envolve a estrutura de segurança euro-atlântica e pode ter implicações globais. Assim, como a crise ucraniana se insere na atual disputa entre Rússia e EUA?

A situação na Ucrânia se coloca em um processo político iniciado com o fim da Guerra Fria, o colapso do bloco soviético e o subsequente período de expansão ocidental e liderança global estadunidense. Com o ressurgimento de Moscou como potência internacional, tornou-se um imperativo para a Rússia resguardar sua zona de influência histórica e garantir sua segurança geoestratégica nesse novo ordenamento. Nesse sentido, Moscou busca renegociar a sua posição e afirmar seu status de Grande Potência.

Isso indica que a crise ucraniana, na perspectiva russa, é sintoma de um problema estrutural. Essa situação pode ser visualizada no esboço de tratado, apresentado em dezembro pelas autoridades russas para os EUA e a OTAN, em que foi proposto o banimento da expansão da aliança militar na Ucrânia e no espaço pós-soviético, a retirada de armamentos ofensivos ocidentais no Leste

Europeu e a reconstrução dos mecanismos de controles de armas estratégicas.

Embora Washington se utilize da situação para tentar cercear a influência russa na Europa, especialmente as relações Moscou-Berlim, o seu atual foco de contenção e real adversário é a China. Além disso, a incapacidade de evitar uma intervenção russa reforçaria a ideia de declínio global dos EUA. Para a Rússia, além da instabilidade regional, o conflito acarretaria grandes custos humanos e econômicos. Isso é especialmente problemático em um momento em que o país e a popularidade do governo ainda sentem os efeitos negativos da pandemia. Apesar de Rússia e EUA se utilizarem das tensões para avançar suas agendas particulares, a guerra na Ucrânia não interessa nenhuma das partes. Assim, a reunião entre o chanceler russo, Sergei Lavrov, e seu homólogo estadunidense, Antony Blinken, ocorrida no dia 21 de janeiro de 2022, aponta o interesse mútuo nas negociações diplomáticas para refrear as tensões.

Por isso, mesmo com as substanciais tensões entre Rússia e Ocidente no Leste Europeu, uma invasão em larga escala da Ucrânia é improvável. Ainda assim, a negociação entre Rússia e Estados Unidos envolve fatores complexos e interesses divergentes em relação ao ordenamento global.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p13.

## O novo orçamento de defesa japonês e a dinâmica regional

Thomas Dias Placido

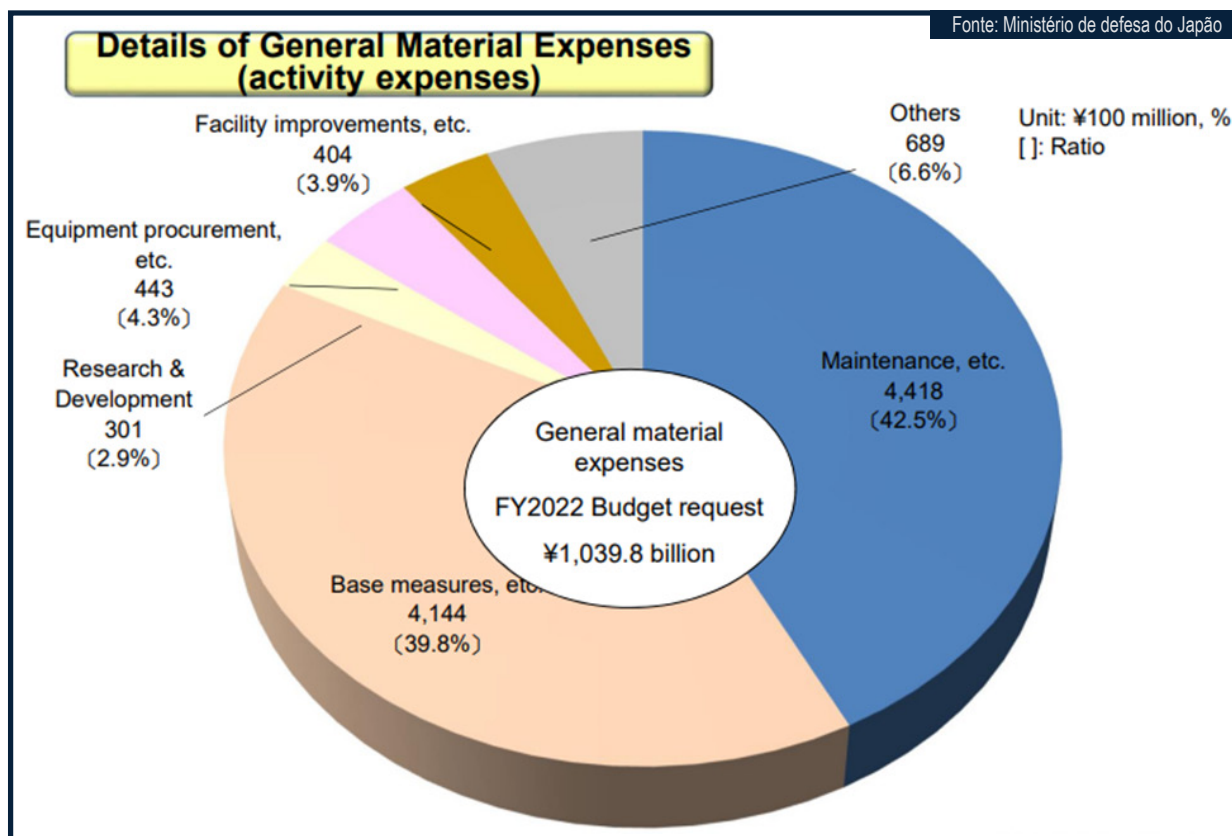
Após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, pela primeira vez, a constituição japonesa foi modificada e adaptada ao viés pacifista pelas forças de ocupação dos Estados Unidos. Promulgada em 1947 pelo então Imperador Hirohito, a Carta Magna apresenta, em seu artigo 9º, a renúncia incondicional à guerra pelo Estado japonês, o que marcou notoriamente a política de financiamento militar nipônico nos anos seguintes. Entretanto, a dependência pelos aliados estadunidenses e os crescentes atritos na região da Ásia-Pacífico intensificaram o debate sobre o papel das Forças de Autodefesa do Japão, influenciado principalmente por líderes do Partido Liberal Democrático (PLD). Diante disso, quais elementos têm incentivado mudanças na postura desse país considerado pacifista?

Com a ascensão de Fumio Kishida como Primeiro-Ministro em 2021, o governo japonês seguirá uma linha semelhante aos antecessores no âmbito da segurança nacional. O premiê afirmou que o fortalecimento das capacidades defensivas da nação segue como uma prioridade, fato evidenciado em dezembro de 2021 após a aprovação do ano fiscal 2022 no valor de US\$47.2 bilhões. Não à toa, considerado o décimo aumento seguido na área militar, o orçamento equivale a 1,09% do PIB japonês, ultrapassando a marca de 1% de

investimento na área de defesa. Segundo o jornal *Asahi Shimbun*, o orçamento em defesa nos últimos seis anos é 3.4 vezes maior do que o setor público e 4.8 vezes em relação à ciência e educação, mas fica responsável por apenas 3% do total do setor de P&D doméstico.

No ano de 2021, a vizinhança da nação nipônica se provou instável, principalmente em relação aos programas de mísseis norte-coreanos e ao crescente arsenal chinês. Segundo o *think tank Missile Defense Project*, a China possui “o programa de mísseis mais ativo e diversificado do mundo”, enquanto a Coreia do Norte prossegue com testes hipersônicos. Tal ambiente, permeado por novas tecnologias militares, urge que os países reforcem suas defesas e alianças, mesmo que signifique – no caso japonês – uma mudança drástica contra o principal artigo da Constituição.

Ademais, os desafios na região se provam capazes de modificar peças importantes no tabuleiro internacional, que podem projetar o Japão como uma nova presença militar na contenção de potenciais agressores. Portanto, essa nova fase geopolítica provavelmente exigirá um maior uso da força militar, logo, mais dinâmicas de equilíbrio de poder. O Japão tem buscado se posicionar nesse cenário, mesmo que isso demande revisões em sua postura histórica e constitucional.



DOI 10.21544/2446-7014.n154.p14.

## O impacto dissuasório do novo plano quinquenal de defesa de Taiwan

Rodrigo Ribeiro

Taiwan continua aumentando anualmente seus investimentos em defesa. No dia 11 de janeiro de 2022, o governo aprovou um orçamento quinquenal de defesa avaliado em US\$8,7 bilhões, em uma tentativa de dissuadir uma retomada da ilha por parte de Pequim. O foco do orçamento será no desenvolvimento de diversos tipos de mísseis e projetos navais. Como trata-se de um orçamento especial, o valor não está inserido nos US\$16,8 bilhões que integram o orçamento de defesa taiwanês previsto para 2022, segundo anunciado pelo governo em agosto de 2021. Assim, este texto busca entender qual o verdadeiro impacto dissuasório deste orçamento especial no cenário das tensões entre Taipei e Pequim.

Cerca de dois terços do orçamento especial se dedicam à construção de um amplo sistema de mísseis, com a tarefa de atingir alvos aéreos, terrestres e navais. Dentre os mísseis desenvolvidos, destacam-se o míssil supersônico anti-navio *Hsiung Feng 3* e o *Hsiung Sheng*, que conta com um alcance de 1200 km e seria capaz de atingir não só cidades costeiras, como Xangai e Hong Kong, mas também grandes cidades mais interioranas como Wuhan e Nanquim. Já no âmbito naval, Taiwan

pretende investir principalmente no comissionamento de dez novas corvetas furtivas da classe *Ta Jiang*. A primeira corveta da classe *Ta Jiang* foi lançada em setembro de 2021, a embarcação é capaz de operar mísseis anti-navio e deve ser utilizada para atacar grandes embarcações, sendo apelidada de “assassina de porta-aviões”.

O orçamento especial de defesa de Taiwan poderá contribuir para dissuadir ou se defender de uma operação de investida anfíbia de larga escala protagonizada pelas Forças Armadas da China. Neste mesmo sentido, as Forças Armadas taiwanesas realizaram, no dia 06 de janeiro, exercícios militares de guerra urbana, simulando uma eventual investida contra a ilha.

Embora, em um futuro próximo, uma operação de retomada da ilha por parte de Pequim, mostre-se improvável ([Boletim 151](#)), o ano de 2049 aparece em documentos oficiais da China como prazo final para que Taiwan volte a reintegrar o território chinês, sob o uso da força, caso necessário. Assim, o novo orçamento especial aperfeiçoa diretamente as capacidades de defesa da ilha contra uma invasão chinesa, tornando essa operação ainda mais custosa para Pequim.

DOI 10.21544/2446-7014.n154.p15.

## China-Oriente Médio: um novo momento nas relações com o GCC

Amanda Marini e Filipe Porto

A China e os países do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC, sigla em inglês) têm aprofundado as possibilidades de cooperação. De um lado, Pequim aprecia a compreensão e o apoio do GCC em questões relativas aos seus principais interesses econômicos no Oriente Médio; por outro, os países do GCC buscam a ampliação das relações econômicas além do petróleo. Nesse sentido, de que forma a China vem buscando se expandir no Oriente Médio para além dos seus interesses energéticos?

A economia chinesa depende fortemente do petróleo e do gás da região, tendo importado cerca de 375 milhões de toneladas de petróleo da GCC, correspondendo a 69% das importações totais do país em 2020. Para além do potencial energético, no último dia 10 a China e os países membros do GCC anunciaram a intenção de avançar com as negociações para uma parceria estratégica e um plano de ação 2022-2025, no qual a China se compromete a cooperar com a região em setores como energia, infraestrutura, comércio, investimento e tecnologia.

A China ainda é um ator minoritário na segurança do Oriente Médio quando comparada com os Estados Unidos e, na maioria dos casos, evita o envolvimento direto em questões sensíveis. Contudo, na medida em

que os EUA redirecionaram a sua atenção para o Indo-Pacífico, as oportunidades para a China aprofundar as relações com o GCC aumentam. Todos os países são considerados parceiros estratégicos da China e aderiram à Iniciativa Cinturão e Rota no ensejo de atrair investimentos em infraestrutura e diversificar o comércio exterior.

Dentro deste cenário, observa-se como esta aproximação traz benefícios para ambas as partes; seja referente aos recursos petrolíferos, que são importantes para a China, seja a respeito de uma ampla oferta de infraestrutura e desenvolvimento, crucial para os países do GCC.

Portanto, percebe-se nitidamente que a China vem se aproximando da região, de modo diferente do protagonizado pelos Estados Unidos. Além disso, esta postura entre a China e os países do GCC, por meio de parcerias estratégicas e cooperações pragmáticas, incorpora um novo momento da segurança energética chinesa. Para Pequim, os recursos petrolíferos do Golfo Pérsico são importantes para sua economia e desenvolvimento, e esta aproximação tende a ficar mais nítida no futuro, visto as parcerias e compromissos assumidos.

DOI 10.21544/2446-7014.n154.p15.

## Megaprojeto indonésio entra em ação

Gabriela Veloso

Com a atual presidência do G20 em mãos, a potência do Sudeste Asiático segue com mais um dos seus megaprojetos. Pouco mais de dois anos desde o primeiro anúncio de mudança de capital ([Boletim 102](#)), o Governo indonésio traça com contornos mais concretos a transferência de Jacarta para o leste de Kalimantan, na Ilha de Bornéu. A nova capital, nomeada de Nusantara, vem acompanhada de muitas promessas. Numa perspectiva estratégica, quais são os efeitos dessa mudança?

Ainda que Jacarta mantenha o posto de centro financeiro, o objetivo é que as funções administrativas passem para Nusantara, inclusive os elementos centrais das Forças Armadas. Com a aprovação recente de um projeto de lei sobre a nova capital, o esperado é que a construção comece neste próximo mês e a realocação definitiva ocorra em 2024. Internamente a mudança é fundamental, porque além de desenvolver Kalimantan, bem como a parte oriental da Indonésia, dessa forma, se evita o afundamento e congestionamento por completo de Jacarta, que abriga mais de 10 milhões de pessoas.

É importante pensar nos efeitos estratégico-militares que essa transferência trará. Os militares indonésios irão aumentar sua presença na ilha, militarizando Bornéu de forma significativa. Os quartéis-generais, *staffs* e a Inteligência virão para a nova capital. Kalimantan terá

o primeiro centro efetivo militar indonésio fora de Java.

A nova capital está mais próxima de potenciais pontos de conflito e da ação de grupos terroristas transnacionais, tendo fronteiras terrestres com Malásia e Brunei e marítimas também com as Filipinas. Ainda, ela está de frente para o Estreito de Makassar, uma das três principais rotas marítimas estratégicas do país.

Em termos de cooperação, a mudança levanta também algumas questões. Existe uma possibilidade de um apoio trilateral com Malásia e Filipinas, pensando na atuação dos grupos transnacionais, o que seria positivo para a segurança da nova capital e dissuadiria a preocupação com a forte presença militar indonésia no local. Conversas com países como Brunei, Cingapura, Austrália, Nova Zelândia e Reino Unido talvez passem a ser fundamentais.

Fora do entorno estratégico surge uma potencial parceria com os Emirados Árabes Unidos (EAU), que aparecem como possíveis investidores para o megaprojeto indonésio, que conta com mais de 80% de investimento privado para acontecer. A militarização da Ilha de Borneu, o abrandamento da situação em Jacarta e os novos horizontes de cooperação são os principais efeitos dessa mudança de capital.





O Exercício *Cold Response 2022* no Ártico e as motivações norueguesas

Raphaella Costa

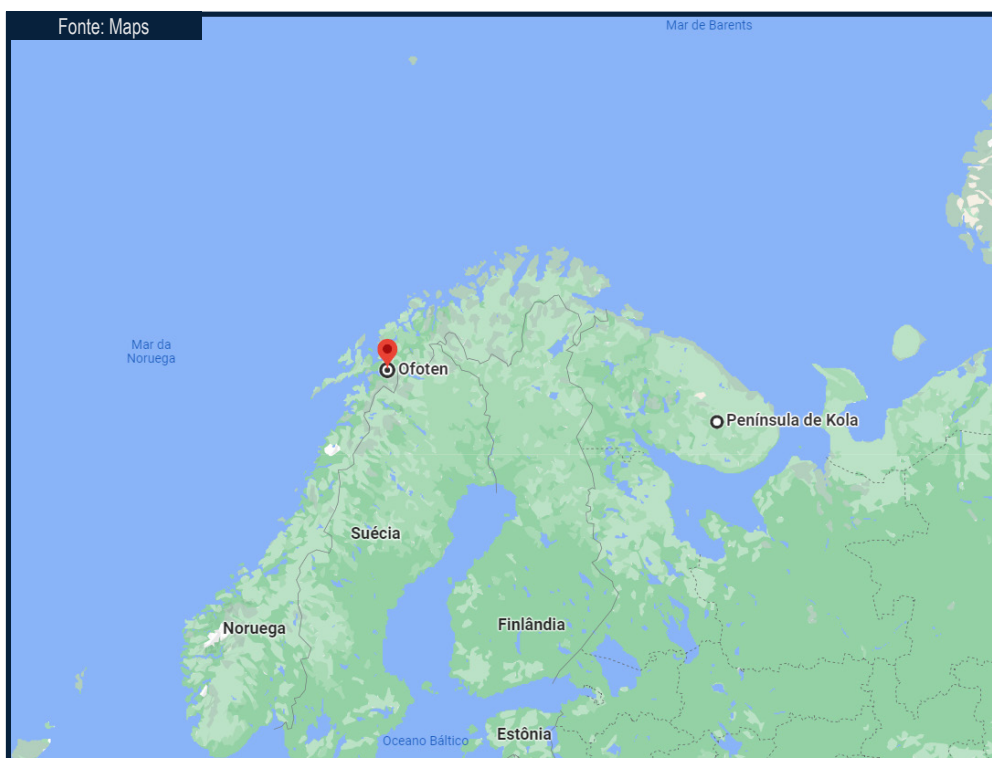
O Exercício *Cold Response 2022*, liderado pelos noruegueses, está planejado para iniciar em março de 2022. Este promete ser o maior treinamento da OTAN no Círculo Polar Ártico desde 1980, já que irá reunir 35.000 soldados de 26 nações, incluindo Finlândia e Suécia, países parceiros da organização, em prol do reforço das capacidades ao norte da Noruega, com as ações sendo divididas entre o mar e o ar. Tendo em vista a magnitude desta operação, quais seriam as motivações geopolíticas norueguesas em liderar tamanho exercício no Ártico?

Enquanto membro da OTAN, a maior preocupação norueguesa no Ártico são os russos, convidados a observar a ocorrência do exercício seguindo os protocolos internacionais. Um encontro online foi organizado entre as Forças Armadas norueguesas e a Esquadra do Norte a fim de manter um diálogo transparente entre as nações e evitar possíveis desentendimentos. As principais ações estão planejadas para ocorrer em Ofoten, no extremo Norte da Noruega e localizada a cerca de 600 km da Península de Kola, base dos submarinos nucleares da Esquadra do Norte da Rússia. A região exerce uma importância estratégica fundamental em um eventual conflito com a Rússia no Atlântico Norte, já que é onde se localiza a brigada norte do Exército, áreas de treinamento

de soldados britânicos, estadunidenses e holandeses, o Aeroporto de Evenes, onde estão localizados a nova frota de aviões de vigilância marítima *P8-Poseidon* da Noruega e dois caças *F-35s* da OTAN em espera para dissuadir aviões militares russos no espaço aéreo norueguês.

Apesar de o exercício não estar diretamente ligado às atuais divergências entre OTAN e Moscou sobre o acúmulo crescente de tropas russas na fronteira com a Ucrânia, a Noruega está motivada a ampliar seus aparatos de segurança com aliados e vizinhos nórdicos. As ressalvas do país quanto à Rússia datam desde a anexação da Crimeia por Moscou em 2014, e os treinamentos militares conjuntos encabeçados pela Noruega são, portanto, uma forma de prevenir que conflitos na Europa Oriental se espalhem para o Ártico, uma vez que a Península de Kola detém poderosos sistemas de armas nucleares da Rússia.

Assim, o grandioso Exercício *Cold Response 2022* testará a capacidade dos aliados de defenderem os interesses da OTAN no Ártico. No entanto, o dilema da Noruega volta-se a como viabilizar o equilíbrio entre dissuasão e segurança, ao mesmo tempo em que é vizinho da potência militar russa, constantemente utilizada como instrumento de política externa.



- ▶ [Big power rivalry: Who is winning the popularity wars?](#)  
CHATHAM HOUSE, John Kampfner
- ▶ [NATO and the Future of Europe-US Relations after Afghanistan](#)  
RUSI, David Owen
- ▶ [Race and racism in the founding of the modern world order](#)  
CHATHAM HOUSE, Amitav Acharya
- ▶ [What the Thucydides Trap gets wrong about China](#)  
THE NEW STATESMAN, Lawrence Freedman
- ▶ [Where next for EU security policy in the Asia-Pacific?](#)  
IISS, James Crabtree


## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Isadora Jacques e Raphaella Costa

### JANEIRO

**26**



**EUA**  
TÉRMINO DA  
REUNIÃO DO  
BANCO CENTRAL  
ESTADUNIDENSE

**26-27**



**HOLANDA**  
9ª EDIÇÃO DO  
CONGRESSO DE  
RECICLAGEM DE  
NAVIOS

**30**



**PORTUGAL**  
ELEIÇÕES  
LEGISLATIVAS

### FEVEREIRO

**01-02**



**DUBAI-EAU**  
ENCONTRO  
BREAKBULK  
ORIENTE MÉDIO

**03**



**ALEMANHA**  
REUNIÃO  
DO BANCO  
CENTRAL  
EUROPEU

**05-06**



**UNIÃO AFRICANA**  
35ª SESSÃO  
ORDINÁRIA DA  
ASSEMBLEIA DA UA

**06**



**COSTA RICA**  
ELEIÇÕES  
GERAIS

- **A nova campanha antártica argentina**

LARRE, A. [Argentina inicia una nueva campaña antártica con la partida del rompehielos Irizar](#). **Infodefensa**, Madrid, 12 jan. 2022. Acesso em 20 jan. 2022.

[Na Argentina, dólar atinge novo recorde no mercado paralelo](#). **Valor econômico**, São Paulo, 19 jan. 2022. Acesso em 20 jan. 2022.

- **Militarização na fronteira entre Colômbia e Venezuela**

MELLO, M. [Colômbia e Venezuela militarizam fronteira e trocam acusações](#). **América Latina Em Movimento**, Quito, 18 jan. 2022. Acesso em: 21 jan. 2022.

HERNÁNDEZ, C. [Venezuela fortalece la frontera con Colombia ante la presencia de grupos armados](#). **Infodefensa**, Madrid, 20 jan. 2022. Acesso em: 21 jan. 2022.

- **Perspectivas para produção de lítio nos Estados Unidos**

TOBA, A. et al. [U.S. lithium resources from geothermal and extraction feasibility](#). **Resources, Conservation and Recycling**, [s.l.], v. 3, jun. 2021.

WOLMAN, J. [Biden's green agenda requires batteries, but building them is dirty business](#). **Político**, Arlington, 18 jan. 2022.

- **Uma base chinesa no Atlântico Sul?**

HOLMES, J. [Coming Soon: China's First Navy Base In The Atlantic Ocean?](#). **1945**, [s.l.] 03 dez. 2022. Acesso em: 20 jan. 2022.

LIN, B.; BLANCHETTE, J.; BERMUDEZ JR., Joseph S.; DIZOLELE, M. [Is China Building a New String of Pearls in the Atlantic Ocean?](#). **Center for Strategic and International Studies**, Washington, 20 dez. 2021. Acesso em: 20 jan. 2022.

- **Strategic Compass: o que esperar da estratégia de defesa da União Europeia em 2022**

BERGAMANN, M., HADDAD, B. [Europe Needs to Step Up on Defense](#). **Foreign Affairs**, Nova Iorque, 18 nov. 2021. Acesso em: 4 dez. 2021.

NOVÁKY, Niklas. [EU's draft defence strategy points to evolution, not revolution](#). **Euronews**, Lyon, 23 nov. 2021. Acesso em: 4 dez. 2021.

- **Marinhas da França e dos EUA assinam um Plano Estratégico de Interoperabilidade**

[Déclaration conjointe entre la France et les Etats-Unis](#). **Elysée**, [s.l.], 29 out. 2021. Acesso em 22 jan. 2022.

LAGNEAU, L. [La Marine nationale et l'US Navy adoptent un «plan stratégique d'interopérabilité»](#). **Opex360**, Saint-Priest-sous-Aix, 19 dez. 2021. Acesso em 22 jan. 2022.

- **A Guerra Civil do Iêmen reacende e entra em seu sétimo ano**

[Arab Coalition Says Houthi Piracy Off Yemen Planned by Iran's Guards](#). **Asharq Al-Awsat**, Londres, 08 jan. 2022. Acesso em 17 jan. 2022.

[Yemen's tragedy](#). **The Hindu**, Chennai, 21 jan. 2022. Acesso em 21 jan. 2022.

- **A Marinha Russa e suas perspectivas estratégicas a curto prazo**

RUSSIA. **Ministry of Defence of the Russian Federation**. [Ships of Russia, Iran and China have worked out the organization of rescue at sea and countering piracy during the CHIRU-2022 exercise in the Arabian Sea](#). Moscow, 21 jan. 2022. Acesso em 22 jan. 2022.

[Russian Navy to hold exercises in all zones of responsibility](#). **Tass**, Moscou,

21 jan. 2022. Acesso em 22 jan. 2022.

- **Tensões na Ucrânia: o encontro entre Blinken e Lavrov e a Crise da Ordem Pós-Guerra-Fria**

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **Departamento de Estado**. [Secretary Antony J. Blinken And Russian Foreign Minister Sergey Lavrov Before Their Meeting](#). Genebra, 21 jan. 2022. Acesso em: 22 jan. 2022.

- **O novo orçamento de defesa japonês e a dinâmica regional**

HIROYUKI, A. [How to defend weak Japan: A bitter national security reality](#). **Nikkei Ásia**, Tóquio, 9 jan. 2022. Acesso em: 11 jan. 2022..

TAKAHASHI, K. [Japan Approves Record Defense Budget for Fiscal Year 2022](#). **The Diplomat**, Tóquio, 27 dez. 2021. Acesso em 9 de jan. 2022

- **O impacto dissuasório do novo plano quinquenal de defesa de Taiwan**

CHUNG, L. [The US\\$8 billion defence plan that Taiwan hopes will deter mainland China](#). **South China Morning Post**, Hong Kong, 16 jan. 2022. Acesso em: 20 jan. 2022.

LAI, J. [Taiwan commissions homemade 'carrier killer' warship](#). **DefenseNews**, Tysons, 09 set. 2021. Acesso em: 20 jan. 2022.

- **Megaprojeto indonésio entra em ação**

Borneo Bound: [Inside Indonesia's Big Plan to Move its Capital](#). **BenarNews**, Malmö, [s.d.]. Acesso em 20 jan. 2022.

[The military and strategic implications of Indonesia's new capital](#). **The Strategist**, Barton, 20 jan. 2022. Acesso em 20 jan. 2022.

- **O exercício Cold Response 2022 no Ártico e as motivações norueguesas**

[Two NATO carrier groups will sail north for exercise Cold Response](#). **The Barents Observer**, Kirkenes, 13 jan. 2022. Acesso em 20 jan. 2022. on, [Open Norwegian-Russian Dialogue about Cold Response 2022](#). **High North News**, Bodø, 21 jan. 2022. Acesso em 20 jan. 2022.

Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

## MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Isadora Novaes e Vitória França

### ► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Taliban, Western officials meet in Oslo to discuss Afghanistan. Aljazeera](#), 24 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- BURKINA FASO - Golpe de Estado: [Burkina Faso military says it has seized power. BBC News](#), 24 jan. 2022. Acesso em 24 jan. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopian army planning to 'eliminate' Tigrayan forces -military official. Reuters](#), 23 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: ['Immediate action' needed on security in Haiti: Canada's Trudeau. AlJazeera](#), 21 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Yemen rebels threaten more attacks after firing missiles on UAE, Saudi Arabia](#). Acesso em: France 24, 24 jan. 22. Acesso em: 24 jan. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon's government holds budget meeting, 1st in months. Independent](#), 24 jan. 22. Acesso em: 24 jan. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [UN Envoy Calls on Thailand to Step Up on Myanmar Crisis – The Diplomat. The Diplomat](#), 19 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Thousands protest in Sudan against military rule. CGTN Africa](#), 24 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- UCRÂNIA - Tensões transfronteiriças com Rússia: [Possibilidade de enfrentamento é real, diz especialista sobre tensão na Ucrânia. CNN Brasil](#), 20 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Militares venezolanos actúan abiertamente en colaboración con el ELN en la guerra que la guerrilla libra en la frontera. Infobae](#), 23 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2021.

### ► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Tensões com o bloco europeu: [Poland and Hungary go hard on Belarus migrants. EU Observer](#), 24 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [Head of Guinea's ruling junta appoints members of transitional council](#). **Africa News**, 23 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• LESTE EUROPEU - Instabilidade regional pela crise migratória com Belarus: [Poland's Supreme Court slams government for restricting media access at Belarus border](#). **EuroNews**, 20 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• LÍBIA - Tensão eleitoral: [EU, Italy agree to establish operational cooperation in Libya](#). **The Libya Observer**, 23 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2021.

• MALI - Instabilidade política: [Shoshana Kedem Mali bristles under ECOWAS sanctions](#). **African Business**, 21 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Al-Shabaab leader arrested in Mozambique](#). **The East African**, 21 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [Russia's Strategic Success in Syria and the Future of Moscow's Middle East Policy](#). **Lawfare**, 23 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2021.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [US threatens action if Somalia misses new election deadline](#). **Arab News**, 13 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Alegando falta de poder político, presidente da Armênia renuncia ao cargo](#). **Gazeta do Povo**, 24 de jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• COLÔMBIA - Crise estrutural: [Pretendían legitimar falsa voluntad de paz del Eln: Iván Duque](#). **El Tiempo**, 24 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Gulf of Guinea records sharp drop in piracy incidents in 2021: report](#). **Xinhua**, 13 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• IRÃ - Negociações do acordo nuclear: [Iran rules out U.S. prisoner release as nuclear talks precondition](#). **Reuters**, 24 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [China adopts new parameters for South China Sea claims](#). **The Economic Times**, 20 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• MÉXICO - Crise migratória: [La crisis migratoria de Biden es mayor que la de Trump. ¿Qué papel ha jugado México?](#). **El Tiempo Latino**, 19 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Almagro: Nicaragua no permite ingreso de una misión de OEA](#). **Associated Press**, 19 jan. 2022. Acesso em: 24 jan. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [As PLA threat grows, Taiwan's bid to boost defence 'may lead to conflict'](#) | **South China Morning Post**. **South China Morning Post**, 23 jan. 2021. Acesso em: 24 jan. 2022.

• TUNÍSIA - Instabilidade Interna: [Tunisian police fire water cannon, tear gas on anti-Saied protesters](#). **Al-Monitor**, 14 jan. 2021. Acesso em: 24 jan. 2022.

• COREIA DO NORTE - Crise de mísseis: [North Korea says it will reconsider its moratorium on nuclear and long range missile tests - CNN](#). **CNN**, 20 jan. 2021. Acesso em: 24 jan. 2022.